

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

Laís E. de França Floriano

Empreendedorismo Feminino:
motivações, significados e desdobramentos

SÃO PAULO - SP
2013

Laís E. de França Floriano

Empreendedorismo Feminino:
motivações, significados e desdobramentos

Relatório de Pesquisa apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas como requisito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq/GVpesquisa.

Campo de conhecimento: Administração

Orientador: prof. Tales Andreassi

Centro de Estudos/Linha de pesquisa: Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios (GVcenn)

Projeto: Empreendedorismo Feminino

SÃO PAULO - SP
2013

Laís E. de França Floriano

Empreendedorismo Feminino:
motivações, significados e desdobramentos

Relatório de Pesquisa apresentado à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas como requisito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq/GVpesquisa.

Campo de conhecimento: Administração

Orientador: prof. Tales Andreassi

Centro de Estudos/Linha de pesquisa: Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios (GVcenn)

Projeto: Empreendedorismo Feminino

Data da aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Professor Orientador – FGV-EAESP

Avaliador externo ou interno – Instituição

Coordenador da Iniciação Científica
FGV-EAESP

RESUMO

O empreendedorismo feminino cresceu muito nos últimos anos. Esse fato provocou e continua provocando mudanças não somente no âmbito trabalhista, mas também no modo de organização familiar e na maneira como o público feminino é visto e interpretado pelo mundo a fora. Diante deste cenário, fica nítido que a atividade empreendedora das mulheres carrega consigo uma série de desdobramentos que, se estudados a fundo, possibilitam a elaboração de perspectivas futuras: quais serão as implicações – para a sociedade – do crescimento no número de moças e senhoras dispostas a investirem e a se dedicarem ao seu próprio negócio?

Historicamente, o papel das mulheres têm sido o de meras “cuidadoras” do lar, dos filhos e do marido. Embora essa concepção tenha evoluído imensamente nos últimos séculos, a figura feminina ainda é observada com certos preconceitos e ressalvas, sendo que muitas pessoas, inclusive, continuam insistindo em duvidar das habilidades e capacidades distintivas das mulheres.

O intuito desse projeto de iniciação científica é desvendar o que motiva o nascimento da iniciativa empreendedora entre as mulheres e quais são os significados e resultados deste movimento para a vida daquelas que decidiram empreender. Em síntese, compreender as implicações do empreendedorismo feminino, para a própria mulher empresária, e delinear o que leva as representantes deste gênero a adentrarem o "mundo dos negócios" como donas e criadoras de suas próprias empresas, é o mote desta pesquisa. O estudo aprofundado do tema em questão nos permite avaliar, ainda, o quanto a pró-atividade das mulheres gera transformações benéficas para a coletividade e para a própria agente da inovação.

Palavras chave: Empreendedorismo feminino, iniciativa, mulheres empresárias, papéis sociais.

ABSTRACT

The female entrepreneurship has grown in recent years. This fact has caused many changes not only for workplace but also in the families' way of organization and in the way women are seen and interpreted by the outside world. Given this scenario, it is clear that female entrepreneurial activity comes with a number of developments that, if studied thoroughly, allow the drafting of future perspectives: what are the implications - for society - of the growth in the number of girls and ladies willing to invest and dedicate themselves to their own business?

Historically, the role of women has been traditionally marginalized. Women were often considered mere "caretakers" of home, children and husband. Even though this concept has evolved greatly over the past centuries, the female figure is still observed with certain biases and suspicions, and many people do not believe in the distinctive skills and abilities of women.

The purpose of this research project is to discover what motivates the birth of entrepreneurial initiative among women and what are the meanings and results of this movement for the lives of those who have decided to endeavor. In summary, to understand the implications of female entrepreneurship, for the business woman itself, and outline what drives representatives of this genre to step into the "business world" as owners and creators of their companies, is the main objective of this research. The study of these topics allows us to evaluate also how the proactivity of women creates good changes for the community and for the agent of innovation.

Key words: Female entrepreneurship, initiative, business women, social roles.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. Apresentação do tema e sua relevância	7
1.2. Revisão da literatura e identificação da lacuna	8
1.3. Objetivos do trabalho	9
1.4. Pergunta da pesquisa	9
1.5. Estrutura do Plano de Trabalho	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1. A essência do empreendedorismo	11
2.2. A mulher na História	12
2.3. Mercado de trabalho	24
2.4. Características da mulher e o universo empreendedor feminino.....	26
3. METODOLOGIA	31
3.1. Pesquisa qualitativa	31
3.2. Coleta de dados.....	31
3.3. O questionário	32
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	35
4.1. Motivações	35
4.2. Significados	36
4.3. Desdobramentos	38
4.4. Discussão: O futuro e a liderança feminina.....	39
5. CONCLUSÃO	41
5.1. Apresentação das limitações do trabalho	42
5.2. Indicações de futuras pesquisas com vistas à evolução do estudo	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
APÊNDICE - MODELO DE QUESTIONÁRIO RESPONDIDO.....	46

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação do tema e sua relevância

Ao longo da história da humanidade, homens e mulheres desempenharam papéis sociais nitidamente distintos e opostos. Por ser associada com frequência à ideia de fragilidade, a figura feminina foi, durante incontáveis anos, alçada a uma posição de absoluta dependência dos homens (pai, irmão, marido...). Esse padrão indicava que qualquer menina, moça ou senhora tinha sua vida subordinada aos mandos e desmandos de indivíduos do sexo masculino antes e depois do matrimônio (RIBEIRO, 2012).

Conforme os anos se passaram e diversas transformações sociais ocorreram, as noções de feminilidade e masculinidade apresentaram, também, suas mudanças. Na cultura ocidental – berço do sistema capitalista de produção – estas modificações foram mais visíveis. Com o advento da indústria, a mulher incrementou a “massa operária”, passando a vivenciar uma dupla jornada: a de dona de casa e a de trabalhadora fabril. Desse período em diante, surgiram condições cada vez mais propícias e estimulantes para que o público feminino adentrasse de vez no universo trabalhista (RIBEIRO, 2012).

Na atualidade, o desenvolvimento de novas tecnologias de produção (capazes de minimizar o esforço braçal) cresce com enorme rapidez. Por esse motivo, a necessidade do trabalho intelectual se torna mais evidente a cada instante. Conseqüentemente, criam-se novas funções no mercado e, com elas, novas oportunidades para a inserção feminina nos mais variados ramos de atividade (RIBEIRO, 2012).

O empreendedorismo é um desses ramos de atividade onde as mulheres têm buscado não apenas retorno econômico e independência financeira, porém satisfação pessoal, elevação de autoestima e redução do preconceito histórico que rebaixou as representantes da ala feminina a uma posição de inferioridade em relação aos homens (GONZALEZ, 2012).

O tema tratado nessa pesquisa é de relevância para o entendimento da “evolução feminina”: nos primórdios, as mulheres cumpriam deveres que lhes eram impostos por aqueles que são do gênero masculino. Hoje, elas deram uma expressiva guinada em suas vidas deixando para trás o papel de simples coadjuvantes para protagonizar suas próprias histórias (RIBEIRO, 2012).

1.2. Revisão da literatura e identificação da lacuna

Estudar o universo empresarial e empreendedor é cada vez mais importante neste contexto onde inovação e dinamismo se fazem cada vez mais presentes. Em trabalhos anteriores realizados para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), falou-se sobre a figura do empreendedor, sobre o papel feminino na economia brasileira e sobre as empreendedoras brasileiras, porém não se discorreu a respeito do significado que mulheres de diferentes classes sociais e contextos atribuem ao ato de empreender e de se constituírem como donas de seus próprios negócios.

De modo geral, falar sobre empreendedorismo ou sobre as mulheres de modo isolado é comum, mas correlacionar estes dois assuntos, nem tanto. A literatura existente hoje sobre a atividade empreendedora feminina é bastante limitada e não traz muitas informações acerca do universo que envolve o tema bem como suas protagonistas. Além disso, observa-se que a maioria dos estudos sobre o assunto em questão se dá dentro do contexto de países desenvolvidos, o que torna, muitas vezes, as particularidades e os impactos das iniciativas empreendedoras femininas do "mundo subdesenvolvido" desconhecidos (KOBESSI, 2010).

A pesquisa bibliográfica que foi feita para identificar esta lacuna e enriquecer este estudo examinou, primeiramente, publicações que associavam o sexo feminino à ação de iniciar e gerir um empreendimento. Concluiu-se que pouco se falava das empresárias e de suas atividades e que pesquisas mais aprofundadas precisavam ser realizadas a fim de que as “novas direções” apontadas pela emancipação empresarial das mulheres fossem descobertas (BRUSH, 1992; BAKER, 1997; AHL, 2006).

Em seguida, foram consultados livros que definem o que é um empreendedor e como se dá a iniciativa empreendedora (HISRICH e PETERS, 2009; SCHUMPETER, 1985). Por fim, obras cujo tema fosse estritamente o papel histórico da mulher e a ação feminina de cuidar das suas próprias organizações também foram consultadas (TERJESEN, 2004; HUGHES, 2005). O acesso a esse incremento teórico nos leva à compreensão do conceito de “empreendedor” e nos ajuda a transportá-lo para o contexto no qual as mulheres estão inseridas.

1.3. Objetivos do trabalho

Esta pesquisa se propõe a investigar o que “está por trás” da atividade empreendedora das mulheres independentemente de sua classe social ou cultura. Em outras palavras, neste esboço procura-se indagar acerca do que elas buscam em termos de satisfação pessoal e reconhecimento quando empreendem e quais são os resultados dessa iniciativa feminina para suas vidas. Entender as motivações, os significados e os desdobramentos da iniciativa empreendedora das mulheres é, portanto, o objetivo primordial deste trabalho.

1.4. Pergunta da pesquisa

Uma vez que o foco deste trabalho reside em mensurar e distinguir quais são as implicações da abertura e da gestão de empresas por parte das mulheres, a pergunta-chave da pesquisa é: “O que motiva a ala feminina a seguir o caminho do empreendedorismo, o que significa para elas transformarem-se em empreendedoras e quais desdobramentos essa iniciativa acarreta para a mulher empresária?”.

1.5. Estrutura do Plano de Trabalho

O relatório desta pesquisa conta com uma introdução que elucida o tema do estudo e a relevância deste para o campo da Administração Empresarial. O referencial teórico se incumbe de explicitar os principais conceitos do trabalho, enquanto o resumo sintetiza o panorama geral da evolução feminina rumo ao desenvolvimento de negócios próprios, além de evidenciar a ideia-chave do esboço apresentado.

No desenvolvimento do relatório, está presente a metodologia, que explicita como ocorreu a pesquisa, porque a abordagem qualitativa foi a escolhida para o estudo, de que forma elaborou-se o questionário de perguntas, como as entrevistas foram conduzidas e como foi escolhida a amostra de respondentes. Além disto, é nesse capítulo que se encontra a descrição da coleta dos dados obtidos nas entrevistas com empreendedoras.

O quarto capítulo é composto pela análise detalhada dos questionários que foram respondidos. Neste capítulo, foi feita uma divisão em sub-tópicos, cada qual elucidando um dos pontos tratados no tema deste estudo. O primeiro sub-tópico é dedicado à análise das *motivações* femininas relacionadas ao ato de empreender; o item subsequente é destinado à compreensão dos *significados* de tal iniciativa; o terceiro mostra quais são os principais *desdobramentos*

envolvidos neste movimento e o último discute como as mulheres empreendedoras enxergam o futuro para elas e para a liderança feminina em geral.

Na conclusão, após a análise de todo o material teórico e das entrevistas com empreendedoras, a pergunta da pesquisa é devidamente respondida. As últimas considerações do trabalho trazem, além de um retrospecto da evolução das mulheres ao longo da História e do que se propôs a “desvendar” através do estudo em questão, as limitações da presente iniciação científica e indicações de futuras pesquisas com vistas à evolução do estudo. A seção de "referências bibliográficas" elenca todas as obras consultadas para a concepção do trabalho e, por fim, o apêndice traz, na íntegra, um dos questionários respondidos por uma das entrevistadas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O conjunto de publicações e obras selecionadas não apenas respaldam os conceitos tratados pelo estudo em questão, porém auxiliam na compreensão dos aspectos que condicionam e determinam a atividade empreendedora das mulheres. Para um melhor entendimento do decurso desta iniciativa feminina, a base teórica deste trabalho foi dividida em tópicos, como se seguem:

2.1. A essência do empreendedorismo

Antes de discutir o papel das mulheres no ramo do empreendedorismo, é necessário entender precisamente o significado de “empreender” e de ser um “empreendedor”. Entre os séculos XVII e XVIII, os termos antes mencionados começaram a despontar na França para designar indivíduos ousados e audaciosos que estimulavam o progresso econômico através de suas atitudes pioneiras.

Foi no ano de 1950, contudo, que o empreendedor foi definido como uma pessoa detentora de habilidades técnicas (usadas para saber produzir) e capitalistas (para reunir recursos financeiros) que é capaz de organizar operações internas e realizar as vendas de sua empresa. Além disso, essa pessoa consegue recriar, aperfeiçoar ou até mesmo revolucionar o processo “criativo-destrutivo” do capitalismo, através do desenvolvimento de novas tecnologias ou do refinamento de antigas tecnologias que culminem em inovações. Esses indivíduos são, portanto, agentes de mudanças econômicas (SCHUMPETER, 1985).

O entendimento de uma entidade econômica, de uma companhia ou até mesmo de alguém como sendo "empreendedor" varia muito de acordo com interpretações pessoais e com aspectos culturais. Nos Estados Unidos, por exemplo, empreendedor é aquele que inicia seu próprio negócio de pequena escala. Já na Inglaterra, o termo era frequentemente associado às firmas inovadoras que operavam em novas áreas enquanto na França, pequenas empresas familiares já eram tidas como negócios "empreendedores" (NICOLETA; SIMONA, 2009).

Apesar das diferenças existentes na compreensão do termo em destaque, pode-se dizer que, identificar oportunidades, “apanhá-las” e procurar pelos recursos adequados que as transformem em algo concreto e lucrativo é, resumidamente, a essência do empreender. O processo de elaborar algo diferenciado e que agregue valor mediante a dedicação do tempo e do esforço necessário e mediante a aceitação dos riscos financeiros, psicológicos e sociais subsequentes é chamado empreendedorismo (HISRICH e PETERS, 2009). Ele consiste no

principal fator de promoção do desenvolvimento econômico e social de um país e, quando obtém êxito, acarreta recompensas econômicas e pessoais.

A maioria das pesquisas que surgem sobre a temática do empreendedorismo partem do pressuposto de que esta atividade é dominada pelos homens porque, em tese, eles estão mais propensos a criarem novos negócios e a estabelecerem empresas bem-sucedidas (KOBESSI, 2010). As teorias institucionais costumam proferir que as organizações criadas por empresários adaptam suas estratégias às oportunidades e às limitações impostas por estruturas formais e informais que, muitas vezes, afetam indivíduos de maneiras distintas e, em particular, àqueles que pertencem a grupos sociais facilmente identificáveis (ESTRIN; MICKIEWICZ, 2011) e historicamente discriminados, como ocorre com as mulheres.

2.2. A mulher na História

As relações entre os seres humanos têm sido desiguais desde que os primeiros registros históricos foram encontrados, por isso não é estranho observar que os estudos iniciais sobre o universo empreendedor ignoraram sumariamente as mulheres. A escrita da História sempre foi feita por homens que, de uma forma ou de outra, produziram relatos que englobam, preponderantemente, acontecimentos e fatos protagonizados por homens e analisados pela ótica e perspectiva masculina. Sendo assim, percebe-se que não existe, de fato, uma história dos seres humanos em geral, porém uma história focada no gênero masculino.

Graças ao trabalho de antropólogos, sociólogos, historiadores e outros estudiosos, todavia, é possível vislumbrar, ainda que panoramicamente, alguns traços da ação feminina na sociedade humana, desde a Antiguidade até os tempos atuais. O período que antecede a invenção da escrita é chamado de "Pré-História". Ele traz uma série de incertezas acerca de como viviam os primeiros seres humanos justamente pela inexistência de documentos escritos. Embora não se conheça em detalhes o papel da mulher na Pré-História, sabe-se que a figura feminina sempre deteve relevância nas sociedades de todo o mundo. É muito provável que nesta época houvesse sociedades "matricêntricas", nas quais a mulher não dominava, mas tinha sua importância por causa da fertilidade (NASCIMENTO, 2012).

Deste modo, pela até então inexplicável capacidade feminina de procriar e gerar outra vida, as mulheres eram elevadas à posição de divindades. Os vestígios pré-históricos sugerem que o sexo feminino ocupava um lugar de destaque entre as coletividades, pois inúmeros objetos, pinturas e estátuas femininas que cultuavam a mulher como um ser sagrado foram achados por paleontólogos em suas expedições e estudos (NASCIMENTO, 2012). A divisão do trabalho nas sociedades primitivas era feita de acordo com o gênero: aos homens cabia a tarefa de caçar e

pescar, enquanto as mulheres eram responsáveis pela coleta dos frutos e, posteriormente, por cultivar a terra.

De acordo com alguns pesquisadores, entre os anos 3000 e 700 antes de Cristo, alguns sistemas matriarcais podem ter existido em Micenas e Creta, localidades da Grécia. No entanto, nas antigas sociedades mediterrâneas conhecidas, a mulher vivia sem qualquer direito político e em condições legais totalmente limitadas. Em algumas poucas cidades egípcias e gregas, o sexo feminino detinha, pelo menos, certos direitos de igualdade legal e de propriedade.

De maneira geral, a mulher dependia de uma figura masculina (representada majoritariamente pelo pai ou pelo marido) e sua atividade era restrita ao lar. As mulheres não podiam escolher seus cônjuges (os casamentos eram arranjados entre o pai da noiva e o pai do noivo ou entre o pai da noiva e o próprio noivo) e, no caso de ficarem viúvas, elas e os seus bens passavam automaticamente para os cuidados do parente mais próximo na linha sucessória que, se desejasse, poderia fazer desta viúva sua esposa (OLIVIERI, 2007).

Por mais que os registros históricos tenham alçado a figura masculina a posições de destaque, é interessante lembrar que a literatura não deixou algumas mulheres passarem despercebidas. No século V a.C., vemos Aspásia, esposa do estadista ateniense Péricles, ficar conhecida como uma mulher culta e respeitada no círculo filósofo de Sócrates (OLIVIERI, 2007). Ainda neste período, surge a comédia "Lisístrata", do poeta grego Aristófanes, na qual a personagem-título lidera as demais mulheres gregas numa greve de sexo cujo intuito é fazer com que seus maridos assinem um acordo de paz e terminem com a guerra que assola a nação e que esvazia os cofres públicos.

A comédia "Lisístrata" é ficcional, mas também serve para descrever, na remota Idade Antiga, a mulher como sendo uma pessoa sensata, corajosa e auxiliadora, que pensa nas questões políticas da humanidade e que administra bem uma situação de conflito. Alguns anos se passaram até que as mulheres se tornassem realmente protagonistas da política como sugeriu Aristófanes com sua obra e foi em Roma (entre 58 a.C e 29 d.C) que o nome de Lívia, mãe de Tibério e esposa do imperador Augusto, tornou-se notório dado o seu conhecimento sobre os negócios do Estado e a ajuda que ofereceu ao seu filho quando ele assumiu o poder.

Dentro deste mesmo contexto, cabe citar Agripina, outra mulher que exerceu um papel político no governo de Roma até ser morta por ordem de seu filho, Nero. Em meio às menções destas conhecidas representantes do sexo feminino, nota-se, porém, que o poder político que elas exerceram se deu de modo indireto. Estas mulheres não tinham voz completamente ativa, pois eram representadas por seus parentes homens.

Vale lembrar, ainda, que tanto na Grécia quanto em Roma, quando se fala sobre uma mínima "liberdade feminina" que seja, a referência é às classes altas ou médias. As mulheres pertencentes às hierarquias baixas só se igualavam aos homens no campo do trabalho, que sempre foi bastante duro e penoso. Desde os primórdios, já vigorava a "dupla jornada" para aquelas mulheres que trabalhavam fora fazendo com que, além de ajudar no sustento da casa, elas ainda precisassem se ocupar com os cuidados dos filhos e com serviços domésticos que, na época, envolviam cozinhar, tecer e fiar (OLIVIERI, 2007).

Com o fim da Idade Antiga, se dá o início da Era Medieval e, com ela, surgem as mais remotas ideias feministas sobre as quais se tem conhecimento. Christine de Pisan, uma italiana de nascimento que mudou-se para a França com a família ainda criança, é o grande nome feminino do período. Christine foi a primeira escritora profissional da França, sendo autora de poemas e de tratados filosóficos e políticos. Ela é considerada a mais importante poetisa medieval e a primeira mulher que conseguiu viver da arte da escrita no Ocidente (KARAWEJCZYK, 2006).

Com seu pai, Thomaz de Pisan, um astrônomo que foi convidado a viver na corte do rei Carlos V, Christine aprendeu filosofia e latim, matérias que não constituíam a educação de nenhuma moça. Como era de costume na época, ela casou-se bem cedo, aos 15 anos. Uma década após seu matrimônio, Christine perde o marido e, logo em seguida, seu pai. Aos 25 anos de idade, a poetisa se encontra viúva, sem recursos e sem nenhum parente do sexo masculino tornando-se, com isso, a principal responsável pelo sustento da família.

Em plena Idade Média, Christine precisou transformar seu conhecimento em ocupação. A mulher culta e bem educada, cuja erudição ultrapassou a de muitos homens que lhe foram contemporâneos, precisou transformar as letras em ofício e, de sua poesia, passou a retirar o sustento de que necessitava. Pelo que se sabe, ela foi a única mulher no feudalismo que conseguiu ganhar a vida escrevendo.

Dentre tantas proezas para alguém do sexo feminino numa sociedade machista baseada em árduas relações servis, Christine obteve a façanha de ser reconhecida como escritora brilhante ainda em vida. A moça é autora de diversas poesias, de uma biografia do rei Carlos V e de Joana D'Arc, a heroína da Guerra dos Cem Anos, de textos memorialísticos e de obras educativas para mulheres. Seu livro mais famoso intitula-se "Cidade das Damas" e nele a escritora exalta as qualidades femininas através do diálogo com três Damas: a Razão, a Justiça e a Retidão (SOUZA, 2008).

Christine utilizou este livro para falar também da igualdade entre os sexos; para citar a vida e a obra de centenas de mulheres exemplares; para construir uma utópica cidadela capaz de

abrigar mulheres de épocas, etnias e religiões distintas (SOUZA, 2008). Em Christine vemos a preocupação em valorizar o gênero feminino, através da educação e da aprendizagem, apesar das barreiras que o contexto social lhe impunha. Os escassos relatos que existem sobre a vida dela frisam que a brilhante escritora sempre agiu dentro dos limites impostos pela sociedade onde estava situada, mas é surpreendente observar que ela teve tamanha aceitação ainda em vida (como indicam as diversas traduções que foram feitas de suas obras e outras tantas encadernações luxuosas que resistiram ao tempo) mesmo com a rigidez característica do universo feudal.

Sabe-se que, na Idade Média, não era incomum encontrar moças jovens, pertencentes a famílias nobres e abastadas, vivendo em monastérios. Os conventos representavam, de fato, uma chance rara para as mulheres receberem educação e um novo sentido para sua existência que não se resumia aos cuidados com marido, filhos e com a falta de acesso ao conhecimento. Entre os séculos X e XII, alguns monastérios femininos ficaram conhecidos como verdadeiros centros culturais, dado o nível de instrução que eles ofereciam.

As poucas mulheres que conseguiram se destacar na História da Literatura Latina Medieval viveram a vida inteira, ou a maior parte dela, dentro de um convento. Christine de Pisan se sobressai mais ainda pelo fato de não ter sido nem nobre nem dedicada a alguma ordem religiosa. A autora recolheu-se para um convento somente nos últimos anos de sua existência e após já ter escrito a maioria de suas produções literárias (KARAWAJCZYK, 2006).

Como se não bastasse os feitos realizados, Christine ousou um pouco mais no final do século XIV ao se envolver em uma "batalha literária" contra João de Meung, um dos autores da obra "Romance da Rosa". Pisan ataca o conteúdo do poema (que supostamente fora modificado por Meung de uma concepção cortês do amor idealizado para a exaltação da sedução) bem como a interpretação que as pessoas faziam dele e se posiciona claramente em prol da honra feminina por acreditar que o texto de Meung se opõe ao ideal do amor puro e fiel e difama todas as mulheres (KARAWAJCZYK, 2006).

Se na Era Medieval nasceram os primeiros sinais do feminismo na pessoa de Christine, durante o Renascimento (período que se estendeu dos séculos XIV a XVI e que marcou a transição entre a Idade Média e a Idade Moderna) houve um retrocesso na condição social das mulheres que foram obrigadas a ver seu acesso ao exercício de muitas profissões e aos estudos serem restringidos cada vez mais.

A época renascentista recebeu este nome em virtude da redescoberta e da valorização de referências culturais advindas da antiguidade clássica. Estas referências serviram como guia para as mudanças daquele tempo em direção de ideais humanistas e naturalistas. O pensamento da

renascença era o de que a razão aproximava as pessoas de Deus e, ao exercerem sua aptidão de indagar o mundo, os homens seriam capazes de dar vazão a um dom divino.

Se por um lado o Renascimento pregava a importância do questionamento humano e a valorização de ações humanas, por outro ele esbarrou em diversas barreiras como a da liberdade feminina. Ao se inspirar nos antigos clássicos, os renascentistas retomaram uma série de características da democracia ateniense que ficou conhecida, dentre outras razões, por não valorizar as mulheres e por restringir os direitos a homens livres, atenienses, filhos de pais nascidos em Atenas e maiores de idade. Neste momento da história, valores como a liberdade e a cidadania não representavam nada para grande parte da população, tanto no sentido da restrição por gênero quanto no aspecto das diferenças entre classes sociais, uma vez que o Renascimento foi uma "construção" majoritariamente burguesa que restringia as camadas menos privilegiadas.

Na renascença, as mulheres ficavam praticamente excluídas de toda e qualquer atividade em que pudessem atuar como sujeito ativo e criador. Elas serviam, no entanto, para serem admiradas e lembradas como objeto da perfeição masculina, tanto na ciência quanto nas artes. Um bom exemplo dessa concepção feminina vigente na época é o famoso quadro de Leonardo da Vinci: "Mona Lisa" (que é chamada de "La Gioconda" no original italiano). Esta obra representa a mulher daquele tempo e mostra como ela era valorizada como objeto.

Por mais que o Renascimento tenha sido uma espécie de triunfo da mente masculina sobre a mulher e tenha apontado o homem como protagonista da História enquanto às mulheres era reservado o papel de coadjuvante que se incumbem das tarefas do lar, algumas figuras femininas estiveram em considerável evidência. Lucrecia Bórgia (que viveu entre 1480 e 1519) é uma das expoentes femininas que brilhou naqueles dias.

Filha do controverso Rodrigo Bórgia (que veio a se tornar mais tarde o papa Alexandre VI) com uma de suas concubinas, Lucrecia viveu cercada por polêmicas e especulações que nunca foram devidamente esclarecidas. O que se sabe ao certo é que ela foi uma mulher fabulosa que usava, com maestria, sua beleza e seu poder de sedução para ajudar seu pai e um de seus irmãos em diversas manobras políticas (OLIVIERI, 2007). Apesar de todos os boatos que circundavam sobre ela e sobre sua reputação, Lucrecia conseguiu executar a maioria dos planos arquitetados por seus familiares e por isso, ficou famosa nesta era de intensas movimentações culturais, intelectuais e políticas que foi o Renascimento.

Outra mulher que foi capaz de entrar para História mesmo em meio ao protagonismo masculino foi Catarina de Médici. Aos 14 anos, ela teve de casar-se com Henrique II, um dos filhos do rei francês Francisco I. Quando Henrique assumiu o trono da França, ele proibiu Catarina de se envolver nas questões do Estado e passou a ser influenciado pela sua principal

amante. Com a morte do marido, este cenário de subserviência muda e Catarina deixa de representar um papel secundário para assumir funções de grande destaque.

O sucessor natural do rei Henrique II era Francisco II, um de seus filhos com Catarina. Aos 15 anos Francisco II morre e Catarina entra no cenário político recebendo amplos poderes e tornando-se regente em nome de seu outro filho, Carlos IX. Após governar a França por cerca de 14 anos, o rei Carlos IX também falece e sua mãe passa a auxiliar o novo sucessor: Henrique III, o quarto filho de Catarina de Médici com Henrique II.

Historiadores dizem que Henrique III ouvia atentamente aos conselhos de sua mãe e só dispensou a ajuda dela em seus últimos meses de vida. Catarina é famosa, também, por sua maneira arbitrária e despótica de agir, mas é notório que, sem ela, seria bem pouco provável que seus filhos tivessem conseguido permanecer no poder. Na Europa do século XVI esta personagem era tida como a mulher mais poderosa do continente e o período em que ela foi regente recebeu a denominação de "a idade de Catarina de Médici". Dentre seus feitos, cabe mencionar a ampliação do acervo da biblioteca de Paris, do museu do Louvre e a criação do famoso palácio das Tulherias. Catarina também foi uma das maiores mecenas da história francesa, além de ter sido responsável pela promoção de festas grandiosas, pela introdução do garfo e do sorvete na França e por ter popularizado uma das técnicas de montar a cavalo (TOSSERI, 2013).

Embora muitas personagens femininas tenham sido proeminentes no decurso da História e tenham tido sua devida importância dentro do contexto de ascensão das mulheres, estas só conseguiram verbalizar suas reivindicações a partir do século XVIII, com o advento da Revolução Francesa e do Iluminismo. As primeiras obras de caráter feminista datam desta época e trazem à tona nomes como o de Mary Wollstonecraft e Mary Wortley Montagu.

Mary Wollstonecraft nasceu em 1759, na capital da Inglaterra. Sua mãe era uma pessoa rigorosa e seu pai era um homem violento que batia constantemente na esposa e nos filhos. Com apenas 19 anos, Mary fez algo incomum para os costumes da época: deixou o seu lar para viver com um homem viúvo. Alguns anos se passaram e, em Novembro de 1789, ao eclodir a Revolução Francesa, Mary ouviu um sermão que dizia que os ingleses também tinham o direito de destronar um rei se este agisse com crueldade. Foi a partir daí que ela sentiu o desejo de escrever sobre política e outros tantos assuntos.

Um de seus textos, "A Reivindicação dos Direitos do Homem", chamou a atenção de autores famosos como Voltaire, Edmund Burke, William Blake e Jean-Jacques Rousseau a ponto de fazer com que as ideias de Wollstonecraft começassem a ser debatidas em círculos intelectuais do Reino Unido e da França. Pouco tempo depois dessa repercussão, Mary publicou

sua obra prima, na qual estão contidas as bases do feminismo: "A Reivindicação dos Direitos da Mulher". Neste livro, a autora afirma que os homens não são superiores às mulheres, mas muitas vezes, essa relação de superioridade/inferioridade parece verídica graças à educação que é designada ao sexo feminino (CANTANHEDE, 2012).

Wollstonecraft enxergava na educação um caminho para a conquista feminina de melhores *status* sociais, políticos e econômicos. Para ela, as mulheres não tinham somente o direito de adquirirem conhecimento, mas também tinham o direito de desfrutarem de igualdade quanto à formação intelectual e a capacidade de contribuir com o progresso da sociedade através do estudo. A escritora argumenta que alguns dos ensinamentos que são dados às mulheres (como a importância de ser sensível e de demonstrar sensibilidade) impedem-nas, muitas vezes, de agir com a razão e isto é nocivo tanto para elas quanto para a sociedade em que vivem. Um raciocínio equilibrado é resultado da combinação entre sensibilidade e racionalidade.

Mary afirma em seu trabalho que a educação precisa ser dada tanto na escola quanto em casa e que homens e mulheres necessitam receber a mesma educação, pois, ao se unirem em matrimônio, os casais formarão as bases da sociedade. A feminista concordava que inúmeras mulheres são demasiadamente limitadas e superficiais, mas isto, dizia ela, não acontece por culpa delas e sim pelo fato de que o conhecimento sempre lhes foi negado. Além do aspecto da formação acadêmica, outro problema apontado por Mary reside na crença de que o anseio primordial das mulheres deve ser a beleza.

Durante anos, as mulheres foram consideradas simples ornamentos da sociedade e uma espécie de propriedade apta a ser trocada através do casamento. Diante disso, as mulheres recebiam uma incumbência: a de serem obedientes, submissas e belas, anulando por completo sua individualidade e assumindo uma existência meramente funcional (CANTANHEDE, 2012). Com seus artigos, Wollstonecraft defende a humanidade das mulheres e o direito delas de usufruírem dos mesmos direitos fundamentais fornecidos aos homens. Sua obra é uma resposta contundente a muitos autores da época que afirmavam que as mulheres deveriam ser educadas unicamente para satisfazer aos desejos e prazeres masculinos.

Não é de se estranhar que estes conceitos inovadores de Mary tenham feito com que sua obra fosse ignorada por quase cem anos. Com a emergência, todavia, de alguns movimentos feministas no século XX, seu trabalho foi resgatado e suas críticas ao sistema de dominação masculina ganharam maior destaque. Na atualidade, Mary Wollstonecraft é reconhecida como uma das criadoras da filosofia feminista e seus escritos influenciaram até mesmo importantes conquistas femininas como o direito ao voto.

Mary Wortley Montagu, outra precursora do feminismo e antecessora de Wollstonecraft, nasceu em Londres, no final do século XVII, e logo cedo desenvolveu uma grande admiração pela literatura. Por ser autodidata, Mary estudou o vocabulário e a gramática latina sozinha por dois anos, até que seu pai descobriu a aptidão da filha e contratou para ela um tutor de italiano. Algum tempo depois, esta mulher de inteligência aguçada aprendeu também turco e francês.

Mary casou-se com o parlamentar Edward Wortley Montagu e assim que ele foi nomeado embaixador na Turquia, o casal passou a morar em Constantinopla, cidade onde a senhora Montagu descobriu o incipiente processo de vacinação contra a varíola praticado pelos turcos e decidiu leva-lo até seu país de origem. Ela inoculou a saliva de um doente na veia de outra pessoa e obteve sucesso no procedimento de imunização.

Depois de levar para Londres esta vacina, a prática se espalhou por todo o continente. Muitos aristocratas e nobres da época foram imunizados, como Luis XVI e as filhas da princesa de Gales. Por mais que existam outros registros históricos acerca da vacinação de varíola, atribui-se à pessoa de Mary Wortley Montagu a introdução desta prática na Europa. Além da inteligência e da atitude pioneira que teve, Montagu também ficou conhecida por alguns de seus posicionamentos como, por exemplo, o de envolver-se politicamente com a oposição quando voltou com o marido para a Inglaterra e este assumiu uma cadeira no parlamento.

Pouco tempo após o seu engajamento político, Mary separou-se do esposo e por isso foi obrigada a se exilar. Ela viveu os anos seguintes de sua vida entre a Itália e a França, mas nunca deixou de escrever e de dar asas a sua argúcia. Assim que Mary faleceu, as cartas que trocava constantemente com amigos da Inglaterra não tardaram em ser publicadas. Outro fato interessante sobre a vida dela é o de que, enquanto viveu com o marido na Turquia, ela se dedicou a tarefa de descrever o cotidiano das mulheres dos haréns com quem conviveu e também a vida íntima das famílias turcas, dando a essas descrições enfoques completamente distintos dos que eram comuns para a época e sempre abordando as figuras femininas.

Alguns anos após a passagem brilhante de Mary Wortley Montagu e Mary Wollstonecraft pela História, o mundo vislumbrou, no contexto da Revolução Industrial, a importância da mão de obra feminina. Foi a partir deste momento, em pleno século XIX, que as ideologias socialistas se consolidaram fazendo com que o feminismo se fortalecesse como importante aliado do movimento operário (OLIVIERI, 2007).

É neste cenário de transformações que se realiza a primeira convenção dos direitos da mulher. No ano de 1848, em Seneca Falls, Nova York, surge o primeiro documento coletivo do movimento feminista norte-americano baseado na própria declaração da independência dos Estados Unidos. Das 300 pessoas que participaram deste evento histórico liderado, inicialmente,

por Lucretia Mott, Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony, 32 homens e 68 mulheres assinaram a declaração que defendia as principais reivindicações femininas: igualdade entre homens e mulheres; igualdade de salários e de escolha profissional; direito à posse de bens e administração dos mesmos; direito de abrir negócios; extinção da discriminação contra a mulher; acesso à educação e igualdade no casamento (TELES, 2007).

Nesta declaração também foram elencadas as restrições, sobretudo políticas, às quais o sexo feminino era submetido: as mulheres não podiam votar e nem sequer comparecer as eleições; elas também eram impedidas de ocupar cargos públicos, de afiliar-se a organizações políticas e de prestar qualquer assistência em reuniões políticas. Por mais que não obtivessem demasiado apoio, sobretudo da maior parte da imprensa da época (que reprovava a convenção politizada das mulheres dizendo que ela consistia no incidente mais anormal e chocante da história feminina), as mulheres engajadas neste episódio de Seneca Falls continuaram firmes na luta e conseguiram, inclusive, influenciar outras pessoas até finalmente alcançarem, em 1920, um de seus intentos: o direito de votar.

Nova York foi palco de outro evento feminino nove anos depois do ocorrido em Seneca Falls: em 1857, eclode o movimento grevista das mulheres. Ele foi tão fortemente reprimido pela polícia que até resultou em um incêndio onde, pelo que se especula, cerca de 129 operárias morreram. Apesar do triste fim do ocorrido, este evento confirma, novamente, que as mulheres estavam dispostas a lutar por seus direitos e por sua liberdade e que elas não estavam mais receosas de tornar audível a sua voz.

A luta das mulheres pela redução da assimetria nas relações com o sexo oposto foi nitidamente alavancada entre os séculos XIX e XX e se estendeu ao longo das décadas passadas. O apogeu desta luta se deu nos idos de 1960, que foram marcados por consideráveis mudanças no âmbito dos costumes (OLIVIERI, 2007). É nessa época que surgem movimentos femininos como o "NOW" (National Organization of Women) e obras como "O Segundo Sexo", da filósofa francesa Simone de Beauvoir.

Contemporânea ao "NOW" e nascida na França, Simone de Beauvoir teve participação fundamental na desconstrução da tese de que a natureza feminina é inferior à masculina. Em seu livro "O Segundo Sexo", ela mostra que a relação hierárquica entre os sexos é uma construção social e não uma fatalidade biológica. Ao argumentar que as características historicamente associadas às mulheres derivam menos de imposições genéticas e mais de mitos propagados pela cultura, Simone deixa claro que às mulheres foi dado um papel coadjuvante por sua invisibilidade ao longo da História e não por qualquer tipo de inaptidão.

Outra escritora que no mesmo período contribuiu para impulsionar o debate acerca da opressão vivida pelas mulheres foi Betty Friedan, uma norte-americana que não se contentou em ser dona de casa e por isso escreveu a obra "A Mística Feminina" na qual discute a crise da identidade deste gênero e analisa, detalhadamente, a construção da imagem da mulher como sendo a dona de casa, a mãe a esposa perfeita (DUARTE, 2006).

A ideia deste livro surgiu de um encontro com ex-alunas do Smith College, onde Betty estudara. Na ocasião, a senhora Friedan comprovou que suas colegas estavam tão contrariadas em sua vida doméstica quanto ela. O "mal sem nome" (também chamado de "problema mal formulado") que acometia as mulheres, sobretudo as casadas entre os anos de 1950 e 1960, tornou-se perceptível para Betty a partir da análise de sua própria experiência e da experiência de outras mulheres que ela conheceu ao trabalhar como repórter para uma revista (DUARTE, 2006).

Betty teve a chance de entrevistar inúmeras mulheres e de sondá-las com relação a temas como casamento, dificuldades com os filhos e vida doméstica. De acordo com a escritora, os problemas enfrentados pelas entrevistadas ecoavam desde maternidades e hospitais até coquetéis e ultrapassavam gerações, classes sociais, etnias e credos. Essas aflições manifestadas por diversas e diferentes mulheres inquietaram Betty e, mais tarde, se revelaram como problemas de ordem sociológica e psicológica.

O questionamento que Friedan se fazia, naquele momento, era mais ou menos o seguinte: "Afinal de contas, que problema é este que assola as mulheres?". Muitas representantes do sexo feminino relatavam sentirem-se incompletas, vazias, cansadas e aborrecidas. A maioria delas se zangava prontamente com seus filhos e marido e choravam com facilidade, sem razão aparente. A solução que algumas encontravam era a de procurar em médicos e psicanalistas a saída para este enigma sem nome.

A imprensa da época chegou a elaborar, com muita superficialidade, reportagens e artigos que explicavam a infelicidade das mulheres. Dentre suas causas, a imprensa chegou a elencar: o excesso de reuniões de pais e mestres, a incompetência dos profissionais que faziam a manutenção de eletrodomésticos e, inclusive, uma possível educação que era elevada demais para donas de casa. Betty ficou inconformada com essas explicações e, após anos de pesquisa e de entrevistas com as mulheres sobre o tema, ela foi capaz de indicar o que chamou de "mística feminina" como causa principal dos problemas vivenciados por grande parte das mulheres:

[...] O problema não pode ser compreendido nos termos geralmente aceitos pelos cientistas ao estudarem a mulher, pelos médicos ao tratarem dela, pelos conselheiros que as orientam e os escritores que escrevem a seu respeito. A mulher que sofre deste mal, e em cujo íntimo ferve a insatisfação, passou a vida inteira procurando realizar seu papel

feminino. Não seguiu uma carreira (embora as que o façam talvez tenham outros problemas); sua maior ambição era casar e ter filhos. Para as mais velhas, produtos da classe média, nenhum outro sonho seria possível. As de quarenta ou cinquenta anos, que quando jovens haviam feito outros planos e a eles renunciado, atiraram-se alegremente na vida de donas-de-casa. Para as mais moças, que deixaram o ginásio ou a faculdade para casar, ou passar algum tempo num emprego sem interesse, este era o único caminho. Eram todas muito "femininas" na acepção comum da palavra, e ainda assim sofriam do mal.¹

Betty ressalta, em seu livro, o fato das mulheres americanas estarem se casando cada vez mais cedo e frequentando bem menos à universidade enquanto nutriam uma espécie de obsessão em amoldar seu físico e suas roupas à moda da época. A cozinha era o habitat natural do sexo feminino e a ele cabia procurar, incansavelmente, a beleza e a satisfação nos cuidados com o lar, marido e filhos. Muitas mulheres acreditavam que o cerne de seu problema residia numa falta de adaptação ao seu "papel de feminilidade" uma vez que a sociedade sempre apregoou que as mulheres devem se sentir realizadas limpando a cozinha e lavando as roupas do esposo.

A obra de Friedan agitou os Estados Unidos e motivou várias de suas leitoras a desejarem uma associação que lutasse pelos direitos femininos. É assim que nasce o grupo "NOW" (National Organization For Women) que tem, inicialmente, à frente de sua liderança a própria Betty Friedan que, naquele momento, já era uma feminista assumida.

O "NOW" é a maior organização de ativistas femininas dos Estados Unidos. Desde a sua fundação, em 1966, este grupo batalha para trazer igualdade para as mulheres e visa eliminar qualquer tipo de discriminação, perseguição ou assédio que elas possam sofrer nas escolas, no trabalho, dentre outros locais e setores da sociedade. Dentre as principais questões debatidas e defendidas pela organização se destacam: o acesso ao aborto seguro e legal, a extinção da violência contra as mulheres e igualdade constitucional (que assegure, às mulheres, equidade de salários, oportunidades de emprego, seguridade social e acesso a educação em comparação com os homens).

Dentre os princípios da organização, reside a denúncia de que nossa sociedade está permeada por ideias sexistas, costumes e preconceitos que transformam as mulheres em meros artefatos. As feministas do "NOW" tinham como objetivo assegurar a equidade das mulheres em uma sociedade injusta cujas estruturas se perpetuavam ao longo do tempo e pouco eram questionadas. Segundo a organização, as mulheres tinham por hábito ignorar algumas de suas necessidades (como a de auto realização) e a busca por suas identidades individuais em função das tarefas domésticas que precisavam desempenhar cotidianamente. Embora a "NOW" tenha

¹ Friedan, 1971, p.27

falhado em ouvir as demandas de mulheres de classes sociais inferiores (a instituição foi composta apenas por representantes das classes média e alta e excluiu também muitas pessoas negras), ela atingiu seu propósito de unir as mulheres em torno de um objetivo comum: batalhar pelo fim da opressão feminina.

No Brasil, os movimentos em favor do sexo feminino também tiveram sua evolução ao longo dos anos. No século XIX, a potiguar Dionísia Gonçalves Pinto (que atendia pelo pseudônimo "Nísia Floresta") atuou como pioneira da emancipação das mulheres. Além de ser poetisa, jornalista, tradutora e educadora, Nísia foi uma das principais precursoras do feminismo em nosso país (OLIVIERI, 2007). Ela rompeu as barreiras da época ao publicar textos em jornais num período em que a imprensa ainda dava seus primeiros passos. Em 1831 Nísia publicou em um jornal de Pernambuco um conjunto de matérias sobre a condição das mulheres.

Durante o tempo em que morou no Rio de Janeiro, ela fundou e dirigiu dois colégios para moças que ficaram conhecidos por seu alto nível de qualidade e ensino. Nísia escreveu em defesa das mulheres, dos escravos e até mesmo dos índios. Seu livro inicial, "Direitos das mulheres e injustiça dos homens", foi inspirado na obra da inglesa Mary Wollstonecraft e representou o primeiro texto brasileiro a tratar dos direitos da mulher à instrução e ao trabalho.

Não há registros de documentos anteriores que tratassem de questões ligadas estritamente ao sexo feminino e, por essa razão, Nísia também é considerada a precursora do feminismo na América Latina. Apesar da fama conquistada pelo livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens", a autora não parou por aí e escreveu outras obras que ressaltavam a relevância da educação feminina tanto para a mulher quanto para a sociedade como "A Mulher", "Conselhos à minha filha" e "Opúsculo Humanitário".

Depois de Nísia Floresta e de Simone de Beauvoir, a temática do feminismo começou a ter voz em fóruns nacionais de debate (BETTO, 2001), como o ocorrido na reunião anual da SBPC (Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência) no ano de 1975. Neste mesmo período, nasce o Centro da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, realiza-se o Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista e surge o Movimento Feminino pela Anistia, cuja líder é Terezinha Zerbini, uma das mulheres mais marcantes da História Contemporânea que lutou, em plena Ditadura Militar, para denunciar que no Brasil existia uma série de indivíduos presos, perseguidos e torturados no país.

A imprensa feminina vai ganhando força e os movimentos das mulheres passam a lutar, no idos de 1980, pela redemocratização do Brasil (BETTO, 2001). Associações brotam em defesa da ampliação da cidadania feminina e dos direitos da mulher. Aos poucos, formam-se agendas e programas específicos que buscam, em sua pauta, discutir e agir em prol de grupos

femininos mais delineados como o das trabalhadoras rurais, das mulheres negras, das empresárias, dentre outros. A partir da década de 1990, seguindo uma tendência mundial que se observa até hoje, a maior parte das mulheres fortaleceu sua atuação no mercado de trabalho e adquiriu mais responsabilidades pelo comando e sustento de suas famílias.

O feminismo continua se transformando e hoje, as batalhas da mulher ocidental estão mais relacionadas a questões como a violência, a saúde e equidade de oportunidades e remuneração. Apesar dos avanços históricos, é impossível afirmar que as reivindicações femininas tenham chegado ao fim, porque o machismo ainda sobrevive em grande parte do mundo, principalmente nos países asiáticos, africanos e latinos (OLIVIERI, 2007).

A história recente da jovem Malala Yousafzai, uma menina paquistanesa que em 2012 sofreu um atentado por se posicionar em favor da escolarização das mulheres de seu país, serve para mostrar que as estatísticas ainda não estão completamente favoráveis às mulheres. Se em certos países as representantes do sexo feminino ainda continuam suscetíveis à violência e autoridade masculina, em outros elas estão sendo ridicularizadas em programas televisivos e campanhas publicitárias onde são mostradas como seres fúteis e ignorantes (BETTO, 2010) que se vangloriam de suas belas formas expostas em trajes mínimos.

2.3. Mercado de trabalho

A "feminização" do mercado de trabalho e do empreendedorismo foi impulsionada, ao longo do tempo, por uma série de fatores que justificaram (e até hoje justificam) essa movimentação das mulheres. Ao longo da história da humanidade, percebe-se nitidamente que, sempre que a sociedade passa por transformações, a mulher começa a assumir tarefas e atividades que não se restringem ao ambiente doméstico e familiar e que não são comuns aos períodos em questão (AMORIM; BATISTA, 2010).

As mulheres sempre foram consideradas inaptas para o trabalho fora de casa, mas a Revolução Industrial começou a mudar esta crença. Entre os séculos XVIII e XIX, quando surgiram novos processos de manufatura e a máquina passou a ser utilizada na produção (substituindo métodos fabris mais antigos), houve um aumento na demanda de trabalhadores industriais e, com isso, a incorporação da mão de obra feminina. Nesta época, a quantidade de mulheres empregadas aumentou sobremaneira. As condições de trabalho às quais eram submetidas e os salários que recebiam eram bastante desiguais o que propiciou, nesse mesmo período, o início de algumas reivindicações sobre igualdade de jornada de trabalho e direitos trabalhistas (AMORIM; BATISTA, 2010). Acompanhando o crescimento da industrialização,

diversas mulheres tornaram-se empregadas assalariadas nas oficinas e nas indústrias, sem deixar de lado, contudo, suas funções de cuidadoras do lar e dos familiares.

Outros episódios que contribuíram para a entrada e permanência da mulher no mercado de trabalho foram a 1ª e a 2ª Guerra Mundial que aconteceram, respectivamente, entre os anos de 1914-1918 e 1939-1945. O elevado número de homens que morreram nestes conflitos e que se ausentaram por muito tempo em função dos combates tornou imprescindível a contratação de representantes do sexo feminino para desempenhar atribuições que, até então, eram exclusivamente masculinas. Ao ganhar mais espaço no mercado de trabalho, as mulheres começam a se unir em defesa dos seus direitos e pela busca de igualdade de oportunidades. É neste período que se fortalecem os movimentos femininos, que já existiam, ainda que timidamente, no século XVIII, graças ao Iluminismo e à Revolução Francesa (OLIVIERI, 2007).

No Brasil, especificamente, a mulher ingressou no mercado de trabalho de modo mais amplo na década de 1970. Em meados dos anos 80, o sexo feminino ganha maior visibilidade dentro do movimento sindical devido ao surgimento da Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora na CUT (Central Única dos Trabalhadores). O avanço dos direitos e do protagonismo feminino se torna ainda mais proeminente em 1988, quando nossa Constituição Federal passa a garantir a igualdade jurídica das mulheres fazendo com que elas sejam consideradas tão capacitadas quanto os homens (AMORIM; BATISTA, 2010).

A década de 90 caracterizou-se por uma intensa abertura econômica que veio acompanhada pela tendência, cada vez maior, do sexo feminino adentrar o mercado de trabalho. No período em questão, muitas mulheres encontraram-se desempregadas dado o aumento da oferta da mão de obra feminina. Desde então, diversas transformações ocorreram no perfil das trabalhadoras, entre elas, a escolaridade, o estado civil e o perfil etário (DIAS; REZENDE, 2009). As mulheres têm sido a grande aposta de muitos empregadores, devido à sua capacidade de trabalhar em equipe e de usar a persuasão ao invés do autoritarismo.

A mulher da atualidade tem visto seu nível educacional e seu poder aquisitivo aumentarem ao mesmo tempo em que uma pequena redução da defasagem salarial em relação aos homens é observada. As representantes do gênero já podem ser vistas nos mais variados postos de trabalho. Hoje, as mulheres comandam tropas, pilotam aviões, lideram executivos, perfuram poços de petróleo, ocupam cargos ministeriais, dirigem grandes empresas e até mesmo governam países.

Parece que não há tarefa que elas não possam aprender, por isso, o mercado de trabalho tem sido receptivo a elas. No Brasil, por exemplo, as mulheres já correspondem a 41% da força trabalhista do país (DIAS; REZENDE, 2009). De acordo com a avaliação anual da Gazeta

Mercantil, a fatia de mulheres que ocupam cargos executivos nas 300 maiores empresas brasileiras evoluiu de 8%, na década de 90, para quase 15% em 2000. Pesquisas recentes mostram também que as mulheres obtêm cargos gerenciais antes dos homens. Representantes do sexo feminino, em sua maioria, tornam-se diretoras antes dos 40 anos enquanto os homens, geralmente, só atingem esse feito depois dos 40 anos.

Um estudo recente do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) revela que, a participação feminina na População Economicamente Ativa (PEA) do estado de São Paulo até 2020 aumentará, saindo do percentual de 45% para 49%. O número de mulheres à frente de empreendimentos também tende a crescer de forma mais significativa. Acredita-se que a participação das mulheres como empregadoras (donas de empreendimentos com empregados) deverá chegar aos 42% em 2020, sendo que em 2009 este índice era de 31%. Para o mesmo período, a participação das mulheres que trabalham por conta própria (sem empregados) deverá subir de 38% para 47%.

2.4. Características da mulher e o universo empreendedor feminino

Embora a sociedade tenha propagado, por muitos e muitos anos, o argumento das diferenças biológicas como justificativa para a desigualdade que se observa entre indivíduos do sexo masculino e feminino, sabe-se que, tudo o que já foi descoberto acerca do desenvolvimento neurológico e cerebral dos seres humanos não aponta, em momento algum, para a superioridade de nenhum dos gêneros. As características femininas não são piores do que as masculinas; homens e mulheres detêm, simplesmente, habilidades diferentes (OLIVEIRA, 1997).

As principais particularidades do sexo feminino, na maioria das vezes, são apontadas como sendo: a sensibilidade, o uso da intuição para analisar situações e resolver problemas, o detalhismo, a presença de grande carga emotiva no que diz respeito à condução de relacionamentos e a multifuncionalidade. Mulheres costumam, ainda, promover a colaboração e a união entre as partes e terem facilidade para planejamentos de longo prazo.

As competências que, no geral, distinguem a gestão feminina consistem em: "uma capacidade de multiprocessamento de informações e situações que ajudam a ter uma visão mais sistêmica e não sequencial da realidade; maior flexibilidade e habilidade de enxergar as pessoas como um todo e não apenas no âmbito profissional." (FLEURY, 2013, p.46). Se no passado tais características eram consideradas, de modo preconceituoso, fraquezas, hoje em dia tais atributos são frequentemente apontados como aptidões distintivas das mulheres.

De maneira geral, enquanto o homem se sobressai no quesito "racionalidade e objetividade", a mulher se destaca por possuir uma visão mais global e por permanecer atenta ao

que ocorre à sua volta. Outro predicado feminino é o famoso "jogo de cintura" e a somatória dessas virtudes contribui positivamente para que as mulheres se dediquem aos incontáveis preparativos e tarefas que a jornada de empreender impõe.

Existe, no entanto, uma faceta feminina (que a acompanha desde os primórdios) capaz de prejudicá-la no intento de iniciar seu próprio negócio: a responsabilidade de desempenhar vários papéis concomitantemente. A mulher se esmera bastante nos cuidados com seus filhos, marido, pais, irmãos, amigos e com sua própria casa. Todos esses "elementos" que orbitam o universo feminino são fontes de preocupação e de atenção para elas.

No momento de decidir por abrir ou não sua empresa e em qual ramo se inserir, as mulheres tendem a levar em consideração sua família, buscando ocupações que possibilitem conciliar o aspecto profissional ao pessoal, característica bem menos relevante no mundo masculino. Essa particularidade feminina se reflete, ainda, em maiores restrições para viagens ou para longas jornadas de trabalho no escritório, por exemplo. Mulheres buscam se esforçar, ao máximo, para estarem presentes na rotina da casa e no cotidiano de seus familiares e amigos, por isso costumam evitar ausências prolongadas.

Por mais que a participação das mulheres no mercado de trabalho seja visível e comum nos mais variados segmentos e níveis hierárquicos, é nítido que a ascensão a cargos de liderança e a posição de donas do próprio negócio continua sendo árdua e envolvendo uma série de questões. O fenômeno da "dupla jornada", que faz com que as mulheres dividam seu tempo entre cuidados com os filhos, tarefas domésticas e trabalho, por exemplo, prossegue como algo latente na vida das representantes do sexo feminino (TONELLI; ANDREASSI, 2013) e que dificulta sua dedicação integral à atividade empreendedora.

Com tantas atribuições em mãos, não é toa que as mulheres costumam ser um pouco mais conservadoras e inseguras do que os homens na hora de se lançarem ao empreendedorismo. Este número elevado de responsabilidades assumidas socialmente pelo público feminino exige, inclusive, que ele tenha um foco ainda mais firme com relação ao desejo de ver seu negócio tornar-se real e que se prepare bastante intelectualmente para aprender a gerir sua organização e se destacar neste processo.

É evidente que, ao longo da história, homens detiveram posições privilegiadas em todos os âmbitos, o que permitiu a eles serem os pioneiros em inúmeras atribuições e iniciativas. Na sociedade moderna, contudo, as habilidades e características femininas têm sido mais valorizadas pela sociedade de tal modo que falar em "empreendedoras" não soa nem um pouco estranho.

Embora haja algumas semelhanças entre a iniciativa empreendedora dos homens e das mulheres, as diferenças entre elas ficam bem nítidas e se estendem desde a escolha das

estratégias a serem utilizadas na concepção do negócio até o conhecimento, e a experiência adquirida ao longo do tempo (SHIM; EASTLICK, 1998). Por esse motivo, analisar pesquisas comparativas entre gêneros e estudos cujo enfoque seja o empreendedorismo feminino é de suma importância para entender os fatores que distinguem negócios femininos de masculinos e compreender as variáveis que circundam as empresárias.

Sabe-se que o acesso das mulheres a posições estratégicas e de comando tem sido mais comum a cada dia. Na América do Norte e em países industrializados do mundo, por exemplo, o aumento no número de mulheres detentoras de pequenos negócios repercute bastante. Tem se examinado se numa economia de caráter altamente empresarial como a que existe hoje em dia as mulheres têm tido, de fato, melhores oportunidades para alcançar o sucesso financeiro ou se elas ainda enfrentam maiores riscos de pobreza e insegurança econômica quando comparadas aos homens (HUGHES, 2005).

Há, também, uma série de outros desafios que as mulheres precisam enfrentar nessa caminhada para construir e gerir sua empresa. Questões culturais, sociais e inerentes ao local onde se pretende empreender são exemplos de variáveis que necessitam ser levadas em conta, pois muitas vezes contribuem para que as mulheres se deparem com estruturas demasiadamente burocráticas e com uma elevada dificuldade em obter crédito e recursos capazes de financiar o novo negócio (TONELLI; ANDREASSI, 2013).

Apesar dos percalços com que se deparam, as mulheres empreendedoras conseguem se motivar, principalmente, pela busca da realização e da felicidade de chegar ao ápice da sua competência e de ser capaz de mudar não apenas a sua vida, mas a vida dos que estão ao seu entorno também. Embora as aspirações femininas quanto à atividade empreendedora sejam basicamente as mesmas em todos os lugares do mundo, não é de se estranhar que as mulheres fiquem menos propensas a desenvolver atividades empresariais em países com alta discriminação contra o gênero feminino e com elevado número de restrições quanto à liberdade de movimento fora do âmbito do "lar".

O preconceito e as ressalvas quanto ao modo de agir não são os únicos impasses para aquelas que desejam abrir seu próprio negócio. Há estudos que evidenciam que as mulheres costumam desenvolver poucas atividades empresariais em países onde o setor estatal é maior e o Estado de Direito é mais fraco (ESTRIN; MICKIEWICZ, 2011). No Estado de Direito, o poder público é regido por normas jurídicas e controlado por uma Constituição. Este modelo de organização governamental confere aos indivíduos certo grau de liberdade, facilitando, deste modo, as iniciativas femininas.

Além de tudo isso, existe um ponto importantíssimo no estudo deste tema que poucas vezes é mencionado: o empreendedorismo feminino consegue provocar impactos significativos no desenvolvimento econômico de um país e na redução da pobreza, além de representar um importante movimento que gera inovações e criação de empregos (KOBESSI, 2010). O surgimento de obstáculos ao empreendedorismo feminino costuma se configurar em algo negativo ao potencial competitivo de uma nação, à sua produtividade e ao seu crescimento. (BARDASI, 2007).

Muitas empresas criadas, desenvolvidas e geridas por mulheres não visam apenas o sustento da dona e de suas famílias, mas buscam modificar a cruel realidade de pessoas que vivem em situações de miséria, de doença e até mesmo de violência (MCGIRT, 2012). As mulheres investem no empreendedorismo para enriquecer, ao mesmo tempo, sua vida e a do próximo.

Um dos "segredos" femininos para obter sucesso na criação de seus negócios reside no aspecto do preparo: mulheres se planejam melhor e buscam entender mais o mercado onde atuam do que os homens. Ademais, as mulheres costumam se empenhar e dedicar mais tempo aos estudos, fator esse que possivelmente contribui para a posse de uma empresa (KOBESSI, 2010).

Não se pode esquecer que, em última instância, existem também os fatores "preconceito" e "desigualdade" na determinação do universo feminino empreendedor. As teorias tradicionais relativas ao empreendedorismo não apenas desconsideravam este universo em suas ponderações como apontavam apenas três critérios suficientes para um empreendimento ser possível: mercado, dinheiro e recursos. Com a entrada das mulheres neste ramo, os critérios passaram por uma diferenciação. Enquanto o empreendedorismo masculino continua dependendo apenas dos três fatores tradicionais citados acima, as mulheres necessitam acrescentar mais dois fatores, além dos três tradicionais, ao seu intento de empreender: a família e o ambiente. (MARQUES, 2008).

Embora muitos países já estejam trabalhando para mitigar as diferenças de remuneração, de cargos e de colocação no mercado de trabalho entre homens e mulheres, a distinção de gêneros ainda é muito significativa e isso certamente afeta a iniciativa empreendedora feminina. O mundo continua sendo dominado por valores essencialmente masculinos. Os códigos que orbitam o ramo dos negócios bem como o jeito de liderá-los e ditar regras foram elaborados por homens e esse fator, até hoje, dificulta a ascensão e o desenvolvimento feminino, sobretudo nesse meio.

Apesar de todo o seu preparo, estudo e de seus atributos, em pleno século XXI as mulheres continuam sofrendo com situações onde sua competência, capacidade e inteligência são colocadas em cheque, mesmo que de forme tênue. Há também os defensores dos antigos "papéis sociais" que se incomodam com o destaque de pessoas do sexo feminino e que se esforçam para desestimulá-las a criar e gerir sua própria organização. Quer enfrentem dificuldades provenientes do acúmulo de funções e tarefas, quer enfrentem as descabidas provocações dos preconceituosos, as mulheres mostram, cada vez mais, que não aceitam ser subjugadas e que o universo empreendedor tende a ser mais feminino do que nunca.

3. METODOLOGIA

3.1. Pesquisa qualitativa

Inúmeros trabalhos sobre os mais variados temas têm utilizado métodos quantitativos a fim de descrever e explicar fenômenos. Na atualidade, contudo, há outra abordagem promissora no que diz respeito à investigação de objetos de estudo: a pesquisa qualitativa (NEVES, 1996). Enquanto o enfoque quantitativo se baseia em hipóteses claramente definidas, em variáveis pré-existentes e em estatísticas para analisar dados, o enfoque qualitativo procura compreender fenômenos através do contato direto entre o pesquisador e a situação que este se propõe a estudar e a interpretar.

A pesquisa qualitativa é composta por técnicas interpretativas que visam à descrição e decodificação dos componentes de um sistema difuso e complexo de significados. Ela tem como intuito traduzir e propagar o sentido dos fenômenos sociais, reduzindo a distância entre teoria e dados, contexto e ação (MAANEN, 1979). O presente estudo não foi conduzido apenas por proposições e obras que respaldam os conceitos apresentados, mas por meio de uma pesquisa qualitativa com mulheres que já se consolidaram como empreendedoras, com outras que ainda estão caminhando para isso e até mesmo com algumas que já empreenderam, mas abandonaram a iniciativa.

Por seu caráter exploratório, a pesquisa qualitativa instigou as entrevistadas a refletirem sobre o tema desde estudo revelando, assim, aspectos subjetivos que fazem parte de suas ações empreendedoras. Esta iniciação científica teve como meta esquadrihar percepções acerca da natureza das motivações, significados e desdobramentos da iniciativa feminina, por isso, a abordagem qualitativa foi a escolhida para este trabalho por ser a que melhor fornece condições de explorar o fenômeno do empreendedorismo feminino e de conferir um caráter descritivo a essa pesquisa.

3.2. Coleta de dados

A amostra de entrevistadas com a qual se trabalhou foi bem pequena, dado que o enfoque deste estudo não é fornecer índices numéricos acerca da atividade empreendedora feminina, porém compreender a fundo as razões e consequências subjacentes dessa movimentação. As entrevistas foram realizadas com doze mulheres conhecidas e selecionadas pela pesquisadora, cuja faixa etária se encontra entre os 20 e 54 anos, a partir de um questionário de perguntas semi-estruturado. Do total de entrevistadas, seis delas já possuem um negócio próprio consolidado; quatro delas já detêm um negócio em andamento e duas deixaram de lado, ainda que

temporariamente, o sonho de empreender. Todas as respondentes residem e empreendem em São Paulo (algumas em bairros nobres e outras em bairros mais simples) sendo que a maioria delas atua no ramo de prestação de serviços. As classes econômicas e sociais às quais elas pertencem, porém, varia consideravelmente.

Pessoalmente, a pesquisadora conversou com cinco das mulheres selecionadas para a pesquisa e com as demais conversou via internet, solicitando a participação delas no projeto, explicando o porquê da escolha do tema bem como a importância de um retorno delas para o presente trabalho. Para coletar as respostas, foi utilizado o "FormSite" (<http://www.formsite.com/>), uma página na internet onde se pode criar questionários, formulários e pesquisas profissionais. O questionário foi enviado, pelo Facebook, para cada uma das respondentes, individualmente, em mensagens privadas, depois que todas aceitaram fazer parte da pesquisa.

O formato de questionário online foi o escolhido por causa de sua rapidez, praticidade, pela facilidade que existe em tabular e comparar os dados obtidos pelo "FormSite" e, também, pelo fato de muitas empreendedoras escolhidas para este trabalho estarem viajando ou morando longe da pesquisadora, o que dificultava uma entrevista pessoal. Em 17 de julho de 2013, a pesquisadora enviou o questionário para as doze entrevistadas e em 28 de Julho de 2013 todas elas haviam respondido à pesquisa. Na seção "Apêndice", um dos doze questionários preenchidos (com o nome da entrevistada omitido) exemplifica como era a página de respostas à qual a pesquisadora teve acesso pelo "FormSite" e à partir da qual foi possível realizar as análises das entrevistas.

3.3. O questionário

Composto por 14 perguntas, todas elas obrigatórias, o questionário foi elaborado da seguinte forma:

*** 1. Nome (NÃO SERÁ DIVULGADO NO TRABALHO ACADÊMICO)**

*** 2. Você possui seu próprio negócio ou empresa ATUALMENTE?** (As alternativas, aqui, eram excludentes). SIM NÃO

Caso a resposta à pergunta de número 2 fosse "sim", a próxima pergunta era:

*** 3. Em rápidas palavras, do que se trata a sua empresa/negócio?**

Caso a resposta à pergunta de número 2 fosse "não", a pergunta que se seguia era:

*** 3. Descreva brevemente o negócio/empresa que você já teve no passado ou que está desenvolvendo agora.** *(A resposta a essa questão era discursiva).*

*** 4. O que te fez desejar ter seu próprio negócio? (Pode assinalar quantas alternativas quiser!)**

A busca pela independência financeira

A vontade de ser minha própria "chefe"

O desejo de desenvolver algo com minhas próprias mãos

OUTRO:

*** 5. Cite algumas ações e iniciativas que você teve que tomar para ter o seu negócio.** *(A resposta a essa questão era discursiva).*

*** 6. Quais obstáculos você enfrentou (ou ainda enfrenta) para estar à frente de um empreendimento? (Pode marcar mais de uma alternativa!)**

NÃO ENFRETEI NENHUM OBSTÁCULO

Preconceito pelo fato de ser mulher

Falta de apoio dos familiares e/ou amigos

Insegurança/medo de que meu negócio não desse certo

Dificuldades financeiras

Dificuldade para conciliar o meu negócio com as tarefas domésticas

OUTRO:

*** 7. O que é ser empreendedora na sua opinião?** *(A resposta a essa questão e a todas as questões subsequentes era discursiva).*

*** 8. Você se vê como uma empreendedora? Por quê?**

*** 9. Para você, o que significa ter seu próprio negócio? Que vantagens e desvantagens existem em ser dona de uma empresa e não ser "chefeada" por ninguém?**

*** 10. O que a sua empresa representa (ou representará) na sua vida e na vida das pessoas que estão ao seu redor?**

*** 11. Em quais aspectos você acha que a mulher empresária se destaca dos homens?
Em quais aspectos o homem empresário se sobressai?**

*** 12. Quais são as características de uma empresa criada e chefiada por uma mulher e no que ela se diferencia de uma empresa liderada e criada por homens?**

*** 13. Como você vê a iniciativa das mulheres, no Brasil e no mundo, de criarem e administrarem suas próprias empresas?**

*** 14. Em sua opinião, quais são os desdobramentos deste movimento crescente de liderança feminina nas organizações? O que devemos esperar para o futuro com relação ao empreendedorismo feminino?**

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Motivações

Para 100% das entrevistadas, o desejo de desenvolver algo com suas próprias mãos é um dos fatores que as motivava a abrir um negócio. A vontade de ser sua própria chefe foi a segunda opção mais assinalada quando perguntado "O que te fez desejar ter seu próprio negócio?". Ainda sobre esta pergunta, foi muito interessante notar que 75% das respondentes marcaram também a opção "outro" e fizeram questão de descrever, ainda que brevemente, pelo menos mais uma razão (que não constava na lista de alternativas de resposta) pela qual elas ansiavam em ter uma empresa. "Ajudar a criar empregos", "investir no meu sonho", "investir no sonho de alguém próximo a mim" e "fazer tudo do meu jeito" foram as respostas mais recorrentes das nove empreendedoras que pontuaram algo além das alternativas já existentes para esta questão.

Nas perguntas abertas, algumas mulheres citaram que ser empreendedora é sinônimo de lutar por oportunidades melhores tendo em vista seu crescimento profissional e financeiro. Outras mencionaram que empreendedora é aquela que trabalha com o que realmente gosta, com o que lhe faz bem e lhe traz retorno, tanto econômico quanto em termos de satisfação pessoal, apontando indiretamente que, dentre as motivações femininas, há também uma ambição por conquistar um nível de vida agradável, prazeroso e capaz de incrementar o seu orçamento trazendo não apenas estabilidade financeira, porém a possibilidade de desfrutar dos benefícios que o dinheiro e o poder de compra conferem.

Ao responderem a pergunta "Que vantagens e desvantagens existem em ser dona de uma empresa e não ser chefiada por ninguém?", não foram poucas as mulheres que disseram que a ausência de uma rotina de trabalho extremamente rígida, a autonomia para agir de acordo com seus próprios julgamentos, a possibilidade de fazer o seu horário de trabalho e de vislumbrar o sonho de ser dona de empresa concretizado se constituem em vantagens desta iniciativa.

Dentre as entrevistadas que já possuem sua empresa ou que estão em vias de constituírem o seu negócio, a maioria delas relatou na pesquisa a "grande experiência" e realização que ter o seu empreendimento traz. Essa busca pela auto realização, acompanhada, em segundo lugar, da procura por independência pessoal e financeira, é um dos principais anseios, senão o principal, que motiva as mulheres a tornarem-se empresárias.

Comparativamente, não houve grandes diferenças de resposta, neste quesito, entre mulheres de classes sociais distintas. O que se viu, contudo, é que as jovens parecem um pouco mais motivadas pelo *status* que o empreender traz e pela realização de um sonho, enquanto as

mulheres mais velhas se guiam, em maior grau, pela possibilidade de conquistar a estabilidade econômica, como pode ser ilustrado com as frases a seguir:

"Eu sempre tive vontade de investir no meu sonho de ter empresa, de fazer algo maior e ser reconhecida por isso." (Jovem na faixa dos 20 anos).

"Depois que criei os filhos, sem marido, quis uma coisa que fosse minha e que me desse independência financeira" (Mulher na faixa dos 50 anos).

É notório que, independentemente do sexo, as pessoas enxergam no empreender uma chance de escapar da supervisão de um chefe rigoroso e intransigente e de almejar salários maiores. Nesta pesquisa, contudo, ficou mais evidente que o gênero feminino empreende, no geral, quando verifica a possibilidade de alcançar a felicidade e o sucesso pessoal exercendo sua habilidade de gerir um negócio próprio e de conquistar seu espaço no mercado.

4.2. Significados

Historicamente, as desigualdades de tratamento entre homens e mulheres foram utilizadas como justificativa para afirmar que mulheres pertencem ao sexo frágil e que, por suas inaptidões para determinadas tarefas, elas tinham que ficar restritas ao ambiente doméstico. Desde a infância, a educação das meninas não as estimulava a pensar de maneira autônoma, porém, as instigava a desenvolver competências ligadas aos cuidados com o marido e com os filhos, afinal, era em função deles que o sexo feminino vivia.

Duas palavras-chave marcaram a pesquisa feita no presente trabalho: "independência" e "autonomia". Todas as respondentes, em pelo menos uma pergunta, citaram, de modo positivo, o avanço da mulher rumo à conquista de independência ou de autonomia. Provavelmente, os anos em que a grande maioria das mulheres viveu frustrada e com alguns distúrbios psicológicos graças à vida de opressão, de restrições e de falta de instrução e oportunidades, contribuíram para que diversas representantes do sexo feminino tomassem consciência da importância de ter uma vida própria, pouco associada e dependente de outras pessoas.

Se "ganhar autonomia" e ser soberana sobre suas próprias decisões e atos são os principais significados do empreendedorismo das mulheres elencados nesta pesquisa, receber o devido reconhecimento e as recompensas (sociais e financeiras) também denota muito para quem pertence ao sexo feminino. Quando questionou-se "Para você, o que significa ter seu próprio negócio?", depois de discorrer sobre uma vida independente e autônoma, a maioria das entrevistadas mencionou o fato de ganhar dinheiro com o "suor do rosto", de "concretizar um

sonho" e de ver que todo o seu esforço estava rendendo frutos e benefícios para ela e para algumas das pessoas que a cercam. Dentre tudo o que foi dito pelas respondentes nas perguntas relacionadas a este tópico, destacam-se os seguintes dizeres:

"Lutar por algo melhor [...], batalhar muito e ir atrás de realizar o meu sonho" (Mulher na faixa dos 50 anos).

"Decidir como quero fazer as coisas, poder fazer meu próprio horário..." (Jovem na faixa dos 20 anos).

"Ter total autonomia para fazer o que julgar melhor, ver o negócio dar certo e ajudar os outros com o resultado disso." (Mulher na faixa dos 30 anos).

Foi interessante observar neste ponto da análise duas coisas: apesar de todos os avanços e mudanças sociais, as mulheres ainda se preocupam com a família e com pessoas que estão a sua volta de modo que, observar que sua empresa gera empregos, resulta em lucros que possibilitam dar uma vida confortável aos filhos ou faz algum tipo de bem para a sociedade ou meio ambiente significa muito para o sexo feminino. Em segunda instância, constatou-se que, para as empresárias deste estudo, a atividade que elas exercem corrobora, para elas mesmas, sua capacidade de gerir um negócio por conta própria e de fazer com que ele seja bem sucedido.

Com relação às questões estruturais envolvidas na iniciativa empreendedora, as entrevistadas citaram que abrir seu próprio negócio significa enfrentar uma série de obstáculos como dificuldades financeiras, necessidade de lidar com questões diversas que envolvem, por exemplo, direitos trabalhistas, contratação de serviços e conhecimento de ferramentas administrativas, assim como um sentimento de medo e de insegurança de que o negócio não dê certo. Apesar destas dificuldades impostas no processo de ter uma empresa, todas as respondentes, de alguma maneira, frisaram a "vitória" que é conseguir montar e gerir sua tão sonhada companhia:

"É uma grande experiência, na qual aprendo muito na prática o que estou vendo na teoria da faculdade. É uma vitória diária e a realização de um sonho." (Jovem na faixa dos 20 anos).

"[...] ver que estou me realizando profissionalmente é incrível! Meu trabalho tem sido visto e reconhecido e isso significa muito pra mim, é um prazer imenso." (Mulher na faixa dos 40 anos).

4.3. Desdobramentos

Vários desdobramentos positivos e poucos desdobramentos negativos. É isso que evidenciou o saldo final dos resultados provenientes da pesquisa. Neste estudo, notou-se que a maioria das mulheres reconhece que o empreender não gera apenas benefícios, porém poucas delas descreveram mais do que duas consequências "ruins" para a iniciativa feminina. Uma das entrevistadas chegou a dizer que, dentre os desdobramentos do empreendedorismo feminino, está "o desgaste que a atividade produz e, às vezes, a culpa por não dar tanta atenção aos filhos como antes". Outra falou que empreender pode ser um "fardo, por causa das várias coisas com que é preciso se preocupar".

Em termos gerais, no entanto, as respondentes mencionaram que os desdobramentos da iniciativa empreendedora feminina são benéficos e que eles consistem, dentre outras coisas, no "surgimento de grandes empresas onde os funcionários tenham boa qualidade de vida", numa "superação ainda maior da ala feminina", no "aumento do número de mulheres exercendo cargos de chefia e o domínio de empresas" e na "equiparação da quantidade de homens e mulheres que vivem do empreendedorismo".

As mulheres mais jovens da pesquisa se mostraram ainda mais esperançosas quanto à resultados favoráveis para empresas lideradas pelo sexo feminino do que as mais velhas. As mulheres de classe média e alta parecem ser mais otimistas quanto aos desdobramentos da iniciativa feminina, enquanto aquelas que possuem maiores impasses financeiros, talvez pelas dificuldades que já vivenciaram, são um pouco mais cautelosas em acreditar que o empreendedorismo feminino já é a "bola da vez", porém, elas não deixam de citar que as mulheres têm dado passos importantes nesta jornada de administrar sua própria empresa e que elas têm tudo para se sobressair a cada dia mais.

Neste quesito, observou-se que, apesar de constatarem os custos e ônus de serem empreendedoras (como ter um tempo menor para si e para a família e ver suas responsabilidades aumentarem devido à gestão do próprio negócio), o lado bom da iniciativa recebe uma ênfase muito maior. As mulheres reconhecem que os resultados envolvidos na abertura de sua empresa podem ser negativos, mas, ao serem questionadas sobre "Quais são os desdobramentos deste movimento crescente de liderança feminina nas organizações?" e "O que devemos esperar para o futuro com relação ao empreendedorismo feminino?" poucas delas citam o que pode dar errado e a maioria foca no movimento cada vez maior da mulher rumo à sua total independência indicando que o mundo está mudando e, com ele, surgindo mulheres cada vez mais poderosas e completamente aptas a cuidarem de si mesmas, de sua família e de sua empresa. O depoimento que sintetiza este tópico é esse:

"Acho que cada vez mais podemos esperar mulheres ocupando cargos de chefia e desenvolvendo mais atividades profissionais e educacionais. Há tempos elas gritam por independência e o mundo vem girando nesta direção. Vale ressaltar que não é para mostrar aos homens do que são capazes, é para mostrar a elas mesmas que são muito mais capazes do que nossas avós pensavam e viveram." (Mulher de 29 anos).

4.4. Discussão: O futuro e a liderança feminina

Sabe-se que, apesar dos avanços históricos e sociais envolvendo as questões de gênero, ainda não existem tantas mulheres em cargos de liderança quanto homens. O percentual de empreendedoras está aumentando aceleradamente, porque elas enxergam na abertura do próprio negócio um caminho promissor para conquistarem, além da liberdade financeira, a vida que desejam em conjunto com a possibilidade de darem apoio econômico à sua família e à comunidade. Muitos artigos dizem que as mulheres ainda não têm tantos modelos de sucesso como os homens, mas esse fator não parece desestimulá-las em sua crença de que o futuro reserva oportunidades ainda melhores para os empreendimentos femininos.

Ao responderem às perguntas "Como você vê a iniciativa das mulheres, no Brasil e no mundo, de criarem e administrarem suas próprias empresas?" e "O que devemos esperar para o futuro com relação ao empreendedorismo feminino?", as entrevistadas da pesquisa afirmaram, de forma geral, que as mulheres estão se superando a cada dia, crescendo, se tornando cada vez mais independentes e que isso denota um movimento de equiparação estatística aos homens, ou seja, é muito provável que em alguns anos o número de mulheres a frente de empresas e de cargos de chefia seja igual ao número de homens na mesma posição.

O céu parece ser o limite para as mulheres de negócio e elas apostam em sua criatividade, sensibilidade, paciência, intuição e garra para construir empreendimentos de sucesso. A mídia tem noticiado vários casos de mulheres empreendedoras e líderes, facilitando a conquista do sexo feminino por um "lugar ao sol". Em alguns artigos já pode se ler que os investidores sabem que, atualmente, as mulheres fazem parte do segmento empreendedor que mais cresce no mundo e que elas recebem o auxílio de uma série de instituições (como as agências governamentais) para criarem suas empresas. Para muitos indivíduos é interessante que negócios liderados por mulheres sejam bem sucedidos, por isso as expectativas em torno de empreendimentos femininos são as melhores possíveis.

Na pesquisa feita para este projeto de iniciação científica, parte das respondentes mencionou também alguns fatores históricos e sociais como propulsores deste "abalo" feminino em direção da conquista de seus próprios negócios. É como se as mulheres tivessem se libertado bruscamente daquele jugo de dominação masculina que as aprisionou durante séculos e acordado do sono profundo que as impedia de reagir e de mostrar suas competências. Com uma vontade gigantesca de recuperar os anos perdidos em que suas antecessoras viveram à sombra dos homens, as mulheres revelam, por depoimentos como os que se seguem, porque faz tanto sentido acreditar que, no futuro, as empreendedoras terão um destaque ainda maior:

"As mulheres estão cada vez mais se tornando independentes e correndo atrás de seus sonhos. Não vejo porque elas seriam diferentes ou menos capacitadas do que os homens de administrarem suas próprias empresas, muito pelo contrário, penso que elas conseguem ter uma visão holística de seu negócio e essa é uma característica quase que exclusiva da mulher". (Jovem na faixa dos 20 anos).

"Não é à toa que as mulheres estão crescendo e se superando a cada dia. Esse é o nosso maior grito de liberdade, por tantos anos de tabu, que nos foi imposto pela sociedade." (Mulher na faixa dos 50 anos).

"Vejo que as mulheres tem se interessado mais em ter seus próprios negócios, em fazer do seu talento uma grande empresa. As mulheres vêm crescendo cada vez mais no mercado de trabalho e isso é ótimo". (Mulher na faixa dos 30 anos).

"Hoje em dia as mulheres podem fazer o que quiserem e elas só costumam fazer aquilo pelo que são apaixonadas. Elas são persistentes, batalhadoras e preocupadas em aprender e se aperfeiçoar sempre. Se continuarem assim, a tendência é crescerem mais e mais". (Mulher de 42 anos).

5. CONCLUSÃO

A emancipação feminina é, sem dúvida, uma das causas pelas quais tantas mulheres têm, não apenas acalentado o desejo de serem donas do próprio negócio, mas se esforçado para concretizar suas metas de tornarem-se empreendedoras. Os tempos mudaram e os homens, definitivamente, já não são mais o ideal aspirado pelas mulheres que, hoje em dia, conseguem fazer praticamente tudo o que eles fazem mesmo estando maquiadas, perfumadas e de salto alto.

Retomando a pergunta da pesquisa, “O que motiva a ala feminina a seguir o caminho do empreendedorismo, o que significa para elas transformarem-se em empreendedoras e quais desdobramentos essa iniciativa acarreta para a mulher empresária?”, depois de analisadas as entrevistas e todo o referencial teórico, é possível assinalar, em linhas gerais, que a ala feminina segue o caminho do empreendedorismo fortemente motivada por um sentimento de auto realização advindo do ato de criar e desenvolver algo com suas próprias mãos. Para estas mulheres, transformarem-se em empreendedoras significa a concretização de um sonho pelo qual é preciso batalhar muito e a conquista de autonomia pessoal e financeira que confere, às empreendedoras, um sentimento de que elas detêm a soberania sobre suas vidas. Em último lugar, dentre os desdobramentos resultantes da iniciativa feminina se destaca o avanço da mulher na criação de negócios de sucesso geridos, completamente, por elas e o aumento da participação do sexo feminino em postos dominados pelos homens.

De fato, as mulheres estão alçando novos voos na atualidade (principalmente desbravando ocupações e posições hierárquicas de trabalho até então dominadas pelos homens), porém, elas ainda não se livraram por completo do papel social que lhes foi historicamente imposto, isto é, elas continuam se sentindo responsáveis pelos cuidados com a casa e com os familiares em geral, mesmo que tenham, por exemplo, empregados a quem delegar tarefas domésticas.

Perguntas do tipo: "Com quem vou deixar meu filho agora que a babá faltou?", "Quem vai me indicar um bom técnico em eletrodomésticos para consertar a geladeira?" e "O que deve ser servido no jantar?" ainda inquietam diversas mulheres mostrando que elas não se libertaram por completo das preocupações concernentes ao lar ou que não as dividem, por uma série de razões, com os homens. Essa característica não impede que elas consigam criar e administrar suas empresas, mas torna tal processo mais lento e complicado devido ao acúmulo de funções e à ansiedade.

Apesar dos obstáculos e dos problemas que resistem ao tempo, as empreendedoras revelam-se como mulheres altamente proativas, desejosas de colocar em prática todo o seu potencial pessoal e profissional. Elas enxergam que a gestão do próprio negócio as leva a

assumir múltiplas tarefas e inúmeras responsabilidades; elas constatarem que administrar uma empresa acarreta em desgastes como uma carga de trabalho pesada, redução do tempo livre e, por vezes, lazer deficitário, mas ao vislumbrarem os ganhos da iniciativa empreendedora (possibilidade de atuar livremente, de deter poder decisório, de receber as recompensas pelo seu esforço) as mulheres desfrutam de um elevado bem-estar.

A apreciação dos atributos de liderança que podem ser vistos em mulheres como as que participaram desta pesquisa revela que elas tendem a criar vínculos com as pessoas, a estabelecer redes sociais e a exercer o poder na companhia de outros e não sobre os outros. Ademais, as mulheres estão acostumadas a exercer o seu domínio em prol daqueles que orbitam o seu universo, promovendo, assim, significativas mudanças culturais e econômicas além da inclusão social e profissional. As empreendedoras acalentam, mais do que os homens, um sentimento de orgulho e satisfação pelo que conseguem realizar. A grande ambição da maioria delas, na verdade, é conquistar o respeito das pessoas, manter uma relação saudável com filhos, familiares, funcionários, fornecedores e outros companheiros de trabalho e enriquecer sua vida com uma carreira sólida, reconhecida, capaz de ajudar o próximo e autônoma.

Para muitas mulheres, enfim, o empreender é uma forma de existirem por si mesmas, de serem ouvidas e de angariarem poder de escolha e decisão. No passado, o sexo feminino se frustrava porque precisava viver em função dos outros e todas as habilidades da mulher eram canalizadas para funções domésticas, que requeriam pouco intelecto e que não traziam nenhum prazer. Hoje, as representantes do antigo "segundo sexo", têm podido experimentar a alegre sensação de contemplarem seu empreendimento próprio, que surge como algo desafiador onde elas podem imprimir seus valores e características. A História mostra que esta jornada em direção à liberdade e à conquista de novos espaços e territórios é árdua e bastante complexa, mas as protagonistas do empreendedorismo feminino já comprovaram que vale a pena trilhar este caminho.

5.1. Apresentação das limitações do trabalho

Este estudo elenca as principais motivações, significados e desdobramentos que condicionam a atividade empreendedora feminina, sem dar um enfoque muito preciso, no entanto, a outros fatores que circundam a iniciativa como, por exemplo, as consequências vivenciadas pelas mulheres que empreendem, o estilo de vida e rotina delas assim como as barreiras contra as quais essas mulheres lidam, constantemente, para sobreviver num mundo de negócios hostil e competitivo que ainda é território dominado pelo gênero masculino.

Além disso, o presente trabalho se baseia tão somente numa pesquisa qualitativa cujo espaço amostral é bastante reduzido. A opinião das entrevistadas pode não refletir os posicionamentos de grande parte das empreendedoras brasileiras não apenas porque poucas mulheres responderam ao questionário, mas principalmente pelo fato de que todas as respondentes residem e exercem seu negócio na cidade de São Paulo, local que possui características e peculiaridades próprias.

5.2. Indicações de futuras pesquisas com vistas à evolução do estudo

Dado que a abrangência desta pesquisa não foi muito elevada, uma possibilidade futura seria a de realizar um estudo similar a este com empreendedoras de diversas cidades e estados do Brasil, de modo a comparar se as motivações, significados e desdobramentos do empreendedorismo feminino são sentidos da mesma forma por mulheres que moram em regiões distintas e que possuem hábitos e demandas diferentes. Aproveitando essa sugestão de estudo "regional", seria interessante também, expandir esta pesquisa pelos diversos países do mundo a fim de constatar, globalmente, o que pensam e sentem as mulheres empreendedoras.

Em último lugar, a fim de aprofundar as análises feitas neste trabalho, algumas pesquisas quantitativas poderiam ser realizadas para agregar novos dados e informações às pesquisas qualitativas. A combinação entre essas duas abordagens seria, provavelmente, capaz de indicar e descrever, com maior precisão, as motivações, os significados, os desdobramentos, as causas e os efeitos deste fenômeno que tem sido a iniciativa empreendedora feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHL, H. **Why research on women entrepreneurs needs new directions.** *ENTREPRENEURSHIP THEORY AND PRACTICE*, 30(5), 2006, p. 595-691.

AMORIM, R.; BATISTA L.E. **Empreendedorismo Feminino: Razão do Empreendimento.** Trabalho de conclusão de curso de Administração do Centro de Ensino Superior de Primavera (CESPRI), 2010.

BAKER, T.; ALDRICH, H.E.; LIOU, N. **Invisible entrepreneurs: The neglect of women business owners by mass media and scholarly journals in the USA.** *ENTREPRENEURSHIP AND REGIONAL DEVELOPMENT*, 9, 1997, p. 221-238.

BARDASI, E.; BLACKDEN, M.; GUZMAN, C. **Gender, entrepreneurship, and competitiveness in Africa—the Africa competitiveness report.** World Bank, Washington, DC, 2007.

BETTO, F. **Como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo.** Disponível em: <<http://alainet.org/active/1375&lang=es>> Acesso em: 04 julho 2013.

BRUSH, C. G. **Research on women business owners: Past trends, a new perspective and future directions.** *ENTREPRENEURSHIP THEORY AND PRACTICE*, 16(4), 1992, p.5-30.

CANTANHEDE, N. **Mary Wollstonecraft - A educação como chave da mudança.** Disponível em: <<http://acomuna.net/index.php/contra-corrente/3822-mary-wollstonecraft--a-educacao-como-chave-da-mudanca>> Acesso em: 04 julho 2013.

DIAS, A.S; REZENDE, R. V. **A busca da mulher pela igualdade entre os sexos no mercado de trabalho.** Artigo apresentado à Faculdade Antônio Eufrásio de Toledo, 2009.

DUARTE, A.R.F. **Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100015&script=sci_arttext> Acesso em: 04 julho 2013.

ESTRIN, S.; MICKIEWICZ, T. **Institutions and female entrepreneurship.** *Frontiers of Entrepreneurship Research: Volume 31, Issue 8, Article 5*, 2011.

Estudo do Sebrae no estado aponta que setor de serviços ultrapassará comércio. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/noticia/13044267/geral/sao-paulo-tera-uma-empresa-para-cada-17-habitantes-em-2020/>> Acesso em: 30 janeiro 2013.

FLEURY, M.T. **Liderança feminina no mercado de trabalho.** GV EXECUTIVO, São Paulo, v.12, n.1, p.46-49, janeiro/junho, 2013.

- FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre, Artmed Bookman, 2009.
- FRIEDAN, B. **Mística Feminina**. Petrópolis, Vozes, 1971.
- GONZALEZ, V. **As mulheres e o empreendedorismo**. Disponível em: <<http://www.pensandogrande.com.br/as-mulheres-e-o-empendedorismo/>> Acesso em: 28 maio 2012.
- HISRICH, R.; PETERS, M. **Empreendedorismo**. Editora Bookman, 2009.
- HUGHES, K.D. et al. **Extending Women's Entrepreneurship Research in New Directions**. *ENTREPRENEURSHIP THEORY AND PRACTICE*, May, 2012, p.429-442.
- HUGHES, K.D. **Female enterprise in the new economy**. Toronto, ON: University Toronto Press, 2005.
- KARAWEJCZYK, M. **Um manual de comportamento feminino no final da Idade Média: O Espelho de Cristina de Christine de Pisan (1405) (Parte 1)**. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=35>> Acesso em: 04 julho 2013.
- KOBEISSI, N. **Gender factors and female entrepreneurship: International evidence and policy implications**. *Journal of International Entrepreneurship*. Volume 8, Issue 1, March, 2010, p.1-35.
- MAANEN, J. **Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface**. *Administrative Science Quarterly* : Volume 24, no.4, December 1979, p.520-526.
- MARQUES, R. **O que a comunidade científica diz sobre empreendedorismo feminino**. Disponível em: <<http://colunas.revistapegn.globo.com/mulheresempreendedoras/2011/10/03/o-que-a-comunidade-cientifica-diz-sobre-empendedorismo-feminino/>> Acesso em: 30 janeiro 2013.
- MCGIRT, ELLEN. **The league of extraordinary women**. Disponível em: <<http://www.fastcompany.com/1839862/meet-league-extraordinary-women-60-influencers-who-are-changing-world>> Acesso em: 15 maio 2013.
- NASCIMENTO, A. **A importância da mulher na Pré História**. Disponível em: <<http://prehistoria1b.blogspot.com.br/>> Acesso em: 04 julho 2013.
- NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades**. *Caderno de Pesquisas em Administração*: Volume 1, no.3, 2º semestre/1996.

NICOLETA, B.; SIMONA, B. **Entrepreneurship and Female Entrepreneurship**. Annals of the University of Oradea: Economic Science. Volume 1, Issue 1, May, 2009, p.100.

OLIVEIRA, M. **Homem E Mulher A Caminho Do Século XXI**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

OLIVIERI, A.C. **Mulheres: uma longa história pela conquista de direitos iguais**. Disponível em: <<http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/mulheres-uma-longa-historia-pela-conquista-de-direitos-iguais.htm>> Acesso em: 04 julho 2013.

RIBEIRO, P. S. **O papel da mulher na sociedade**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/o-papel-mulher-na-sociedade.htm>> Acesso em: 28 maio 2012.

SCHUMPETER, J. “O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico”, **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Nova Cultural, 1985.

SHIM, S.; EASTLICK M.A. **Characteristics of Hispanic female business owners: an exploratory study**. Small Bus Manage 36(3):18–34, 1998.

SOUZA, D. S. **O conhecimento não corrompe: o pensamento utópico de Cristina de Pizán no alvorecer da modernidade**. Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em História como requisito parcial à conclusão do curso de História da Universidade Federal do Paraná, 2008.

TELES, M.A.A. **Feminismos, história e perspectivas**. Disponível em: <<http://www.uniaodemulheres.org.br/biblio.php?id=1368&lista=artigos>> Acesso em: 04 julho 2013.

TERJESEN, S. **Female business owners: A review of the last decade of research**. Paper presented at the Annual Academy of Management Meetings - Entrepreneurship Division, New Orleans, August, 2004.

TONELLI, M. J.; ANDREASSI, T. **Mulheres empreendedoras**. GV EXECUTIVO, São Paulo, v.12, n.1, p.50-53, janeiro/junho, 2013.

TOSSERI, O. **Catarina de Médici era realmente maquiavélica?** Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/artigos/catarina_de_medici_era_realmente_maquiavelica.html> Acesso em: 04 julho 2013.

APÊNDICE - MODELO DE QUESTIONÁRIO RESPONDIDO

FormSite.com - Single Result Table

Reference #	7185803
Status	Complete
1. Nome (NÃO SERÁ DIVULGADO NO TRABALHO ACADÊMICO): *	
2. Você possui seu próprio negócio ou empresa ATUALMENTE? *	SIM
3. Em rápidas palavras, do que se trata a sua empresa/negócio? *	Decoração de eventos
3. Descreva brevemente o negócio/empresa que você já teve no passado ou que está desenvolvendo agora: *	
4. O que te fez desejar ter seu próprio negócio? (Pode assinalar quantas alternativas quiser!) *	<ul style="list-style-type: none"> • A vontade de ser minha própria "chefe" • O desejo de desenvolver algo com minhas próprias mãos • OUTRO: (Fazer decoração do meu jeito)
5. Cite algumas ações e iniciativas que você teve que tomar para ter o seu negócio: *	Fiz um pequeno investimento, pequeno mesmo, fazendo os cartões de visita, o site e o uniforme. Porém ainda não é o suficiente para o negócio crescer, tendo um capital maior fica mais fácil, ainda é necessário buscar por novos clientes.
6. Quais obstáculos você enfrentou (ou ainda enfrenta) para estar a frente de um empreendimento? (Pode marcar mais de uma alternativa!) *	<ul style="list-style-type: none"> • Insegurança/medo de que meu negócio não desse certo • Dificuldades financeiras • OUTRO: (Falta de conhecimento na área de administração)
7. O que é ser empreendedora na sua opinião? *	É começar seu próprio negócio e já planejar onde você quer que sua empresa e você cheguem. Trabalhar muito e fazer o que gosta é essencial.
8. Você se vê como uma empreendedora? Por que? *	Não muito pra falar a verdade, porque estou fazendo faculdade de design e precisava fazer algum curso na área de administração ou empreendedorismo, entender melhor sobre negócios, porém ainda não dá pra fazer isso agora.
9. Para você, o que significa ter seu próprio negócio? Que vantagens e desvantagens existem em ser dona de uma empresa e não ser "chefiada" por ninguém? *	A vantagem é você decidir como quer fazer as coisas e fazer seu próprio horário, porém tem as desvantagens de ter que correr atrás de cliente o tempo todo, pensar em como conseguir mais eventos, etc... Além de quando você tem a empresa mesmo com CNPJ e tem funcionários, você precisa

Formita.com - Single Result Table

	pagar impostos e se preocupar com toda uma burocracia
10. O que a sua empresa representa (ou representará) na sua vida e na vida das pessoas que estão ao seu redor? *	Primeiramente pretendo que seja meu sustento e da minha família.
11. Em quais aspectos você acha que a mulher empresária se destaca dos homens? Em quais aspectos o homem empresário se sobressai? *	Eu acho que não tem nenhuma diferença em relação ao sexo, mas sim de pessoas pra pessoa, cada um trabalha de uma forma e isso não depende do gênero.
12. Quais são as características de uma empresa criada e chefiada por uma mulher e no que ela se diferencia de uma empresa liderada e criada por homens? *	Provavelmente o ramo da empresa somente, é mais raro você ver homens fazendo decoração de eventos por exemplo.
13. Como você vê a iniciativa das mulheres, no Brasil e no mundo, de criarem e administrarem suas próprias empresas? *	Vejo que as mulheres tem se interessado mais em ter seus próprios negócios, em fazer do seu talento uma grande empresa. As mulheres vêm crescendo cada vez mais no mercado de trabalho e isso é ótimo.
14. Em sua opinião, quais são os desdobramentos deste movimento crescente de liderança feminina nas organizações? O que devemos esperar para o futuro com relação ao empreendedorismo feminino? *	Devemos esperar grandes empresas em que os seus funcionários tenham uma boa qualidade de vida.
Last Update	2013-07-18 08:22:33
Start Time	2013-07-18 07:19:30
Finish Time	2013-07-18 08:22:33
IP	201.69.228.18
Browser	Chrome
OS	Windows
Referrer	N/A